A casa do bode e da onça

contada por **Angela-Lago**

Ministério da Educação
FNDE
PNBE 2014
Creche
Educação Infantil

Para uso na biblioteca ou em sala de aula

VENDA PROIBIDA

lendo e aprendendo la

LIVROS ABERTOS
Aqui todos contam

882

Copyright © 2011 *by* Angela-Lago

Coordenação Editorial
Ana Martins Bergin

Editores assistentes
Laura van Boekel Cheola
John Lee Murray (arte)

Direitos desta edição reservados à
EDITORA LENDO E APRENDENDO LTDA.
Rua João Romariz, 151 – Ramos
21031-700 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L174c
Lago, Angela, 1945-
A casa do bode e da onça / contada por Angela-Lago.
Rio de Janeiro: Lendo & Aprendendo, 2011.
il. color. – Primeira edição

ISBN 978-85-62533-12-9

1. Sinais e símbolos - Literatura infantojuvenil.
2. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Título.

10-6712 CDD – 028.5 CDU – 087.5

www.angela-lago.com.br

Impresso na Pancrom Indústria Gráfica.

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A onça andava procurando um lugar para fazer a sua casa e viu um campo bonito de fazer gosto.

— Vai ser aqui.

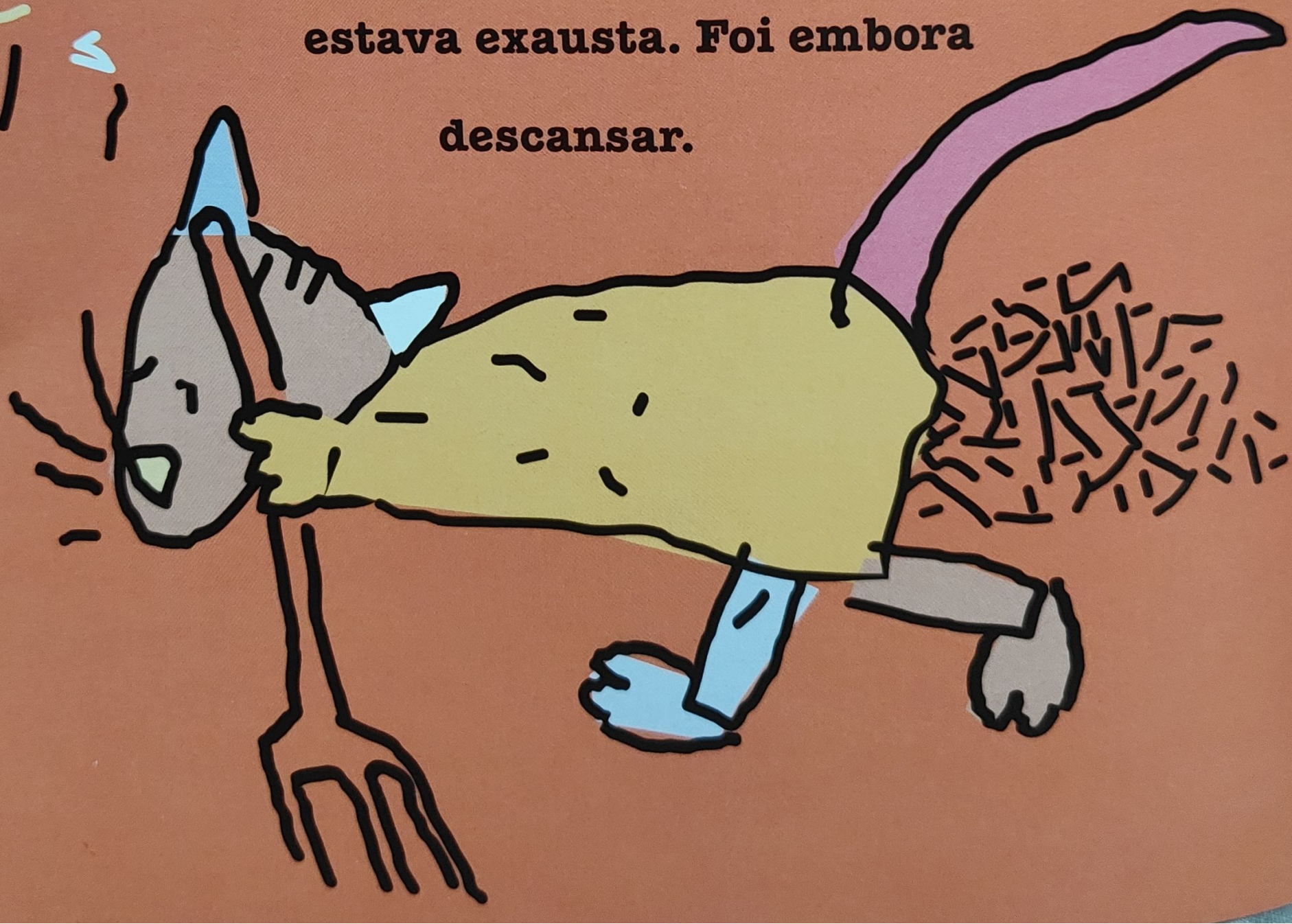
Ela trabalhou a manhã inteira.

Limpou, roçou, preparou o terreno.

Mas fazia muito calor e ao meio-dia

estava exausta. Foi embora

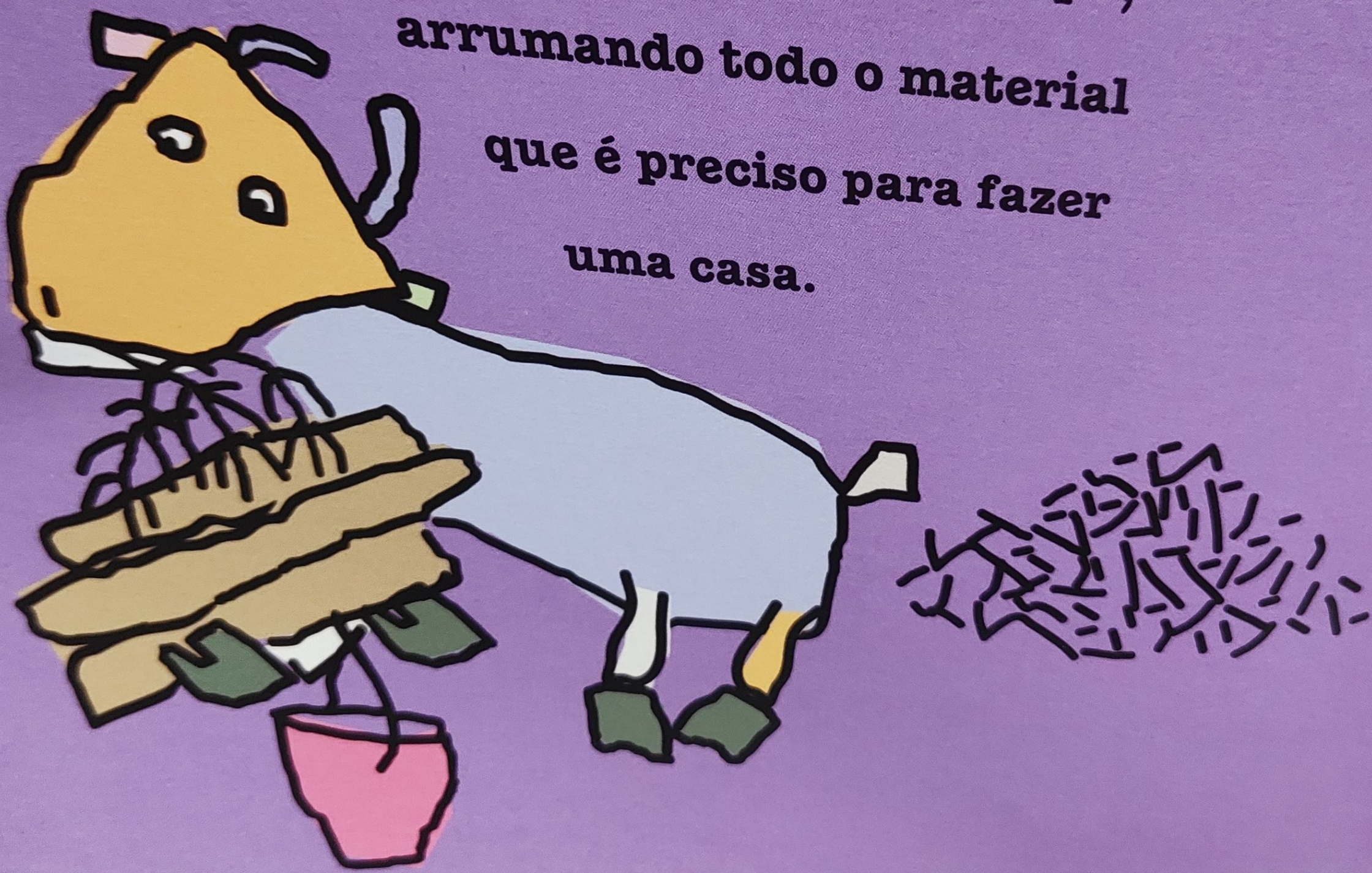
descansar.



Acontece que justamente nessa tarde um bode, que estava procurando um lugar para fazer a sua casa, viu aquele descampado bonito, já limpinho.

— Oba! Vou fazer minha casa aqui.

Ele trabalhou a tarde inteira,
cortando troncos, trazendo barro, sapê,
arrumando todo o material
que é preciso para fazer
uma casa.



Pois bem. Na manhã seguinte, bem cedinho, a onça chegou e viu as pilhas organizadas. Madeira, barro, sapê.

— Deus ajuda quem cedo madruga — concluiu depois de muita meditação.

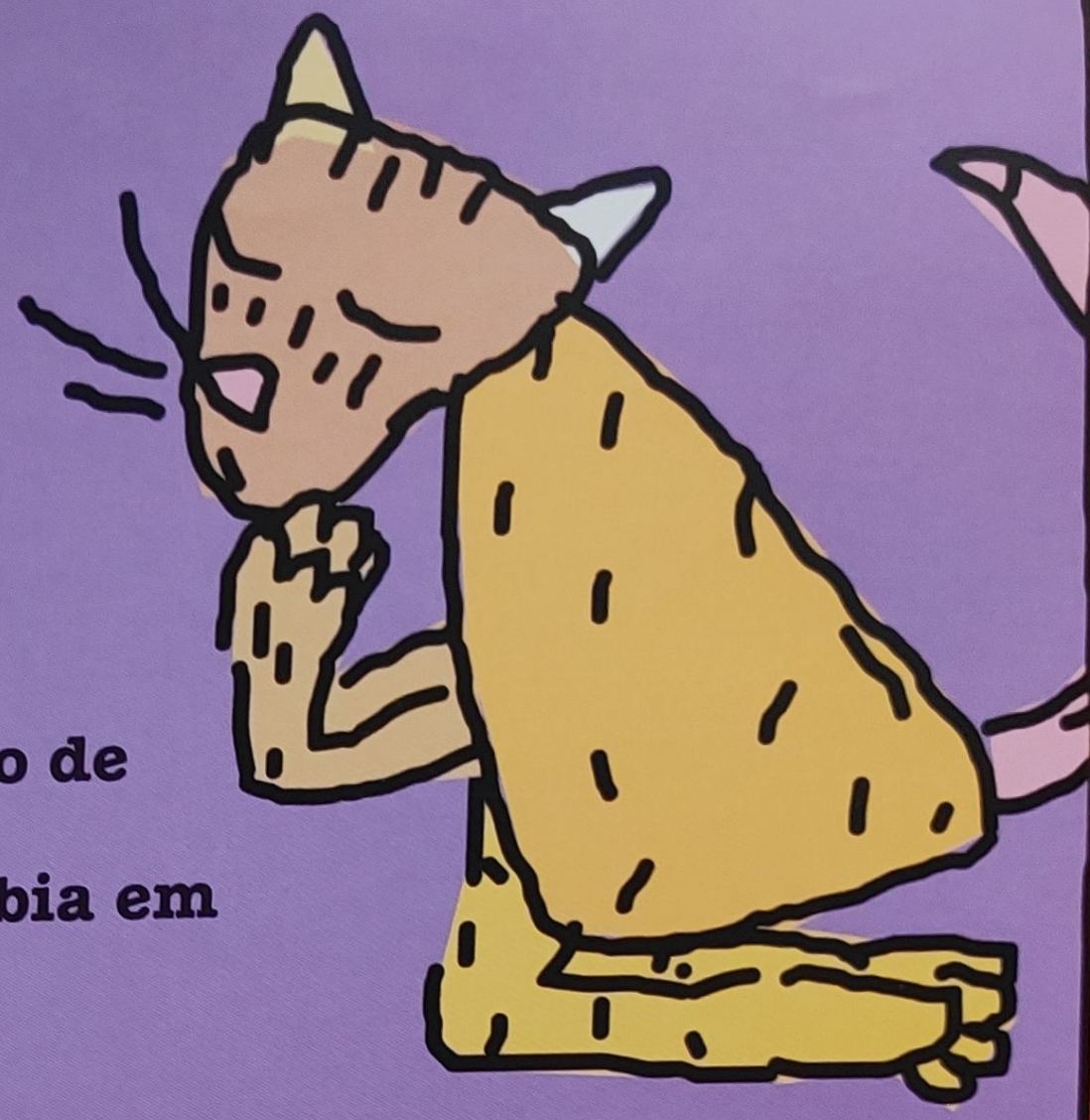
E ela trabalhou duro a manhã inteira. Mas ao meio-dia:

— Embora para o descanso!

O bode tinha acordado moído do trabalho da véspera. Só de tarde foi trabalhar. Quando chegou, a estrutura da casa já estava pronta.

— Eta! Só pode ser Deus me ajudando. Eu faço a minha parte, Deus faz a dele. Vai ser rápido!

Trabalhou até não aguentar mais. Deixou as paredes feitas. Faltava o telhado.



Na manhã seguinte, a onça veio de madrugada e não cabia em si de alegria.

— Deus é bom! Louvado seja!

E trabalhou, trabalhou, trabalhou.

Quando o sol chegou no meio do céu, tinha acabado o telhado.

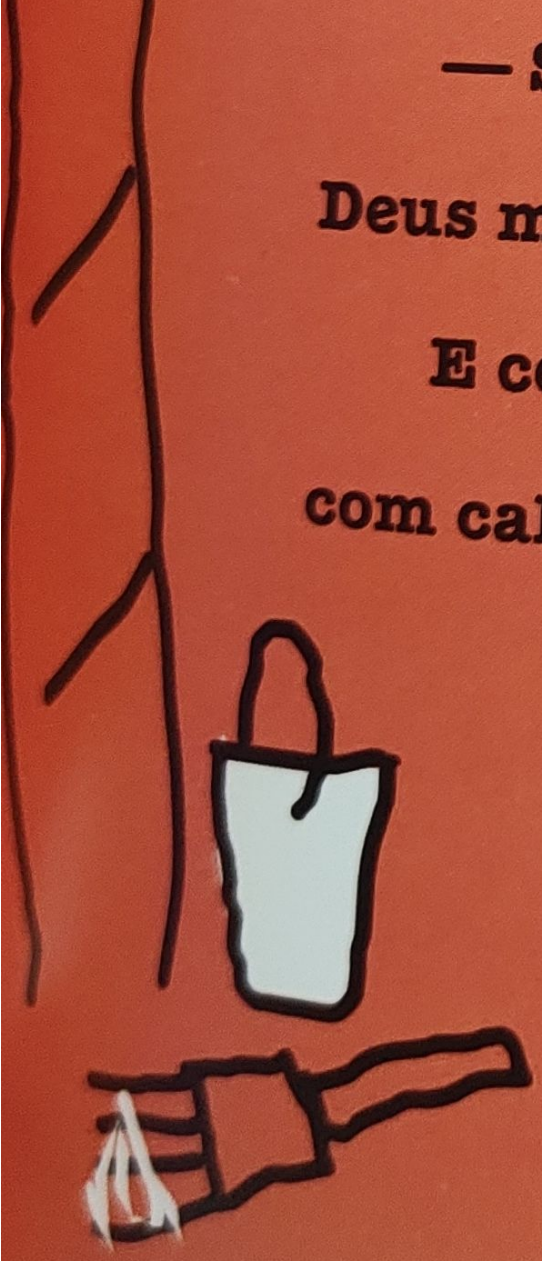
— Embora descansar.

De tarde veio o bode, ainda capenga do trabalho da véspera, mas batendo palmas de felicidade de ver a casa tão adiantada.

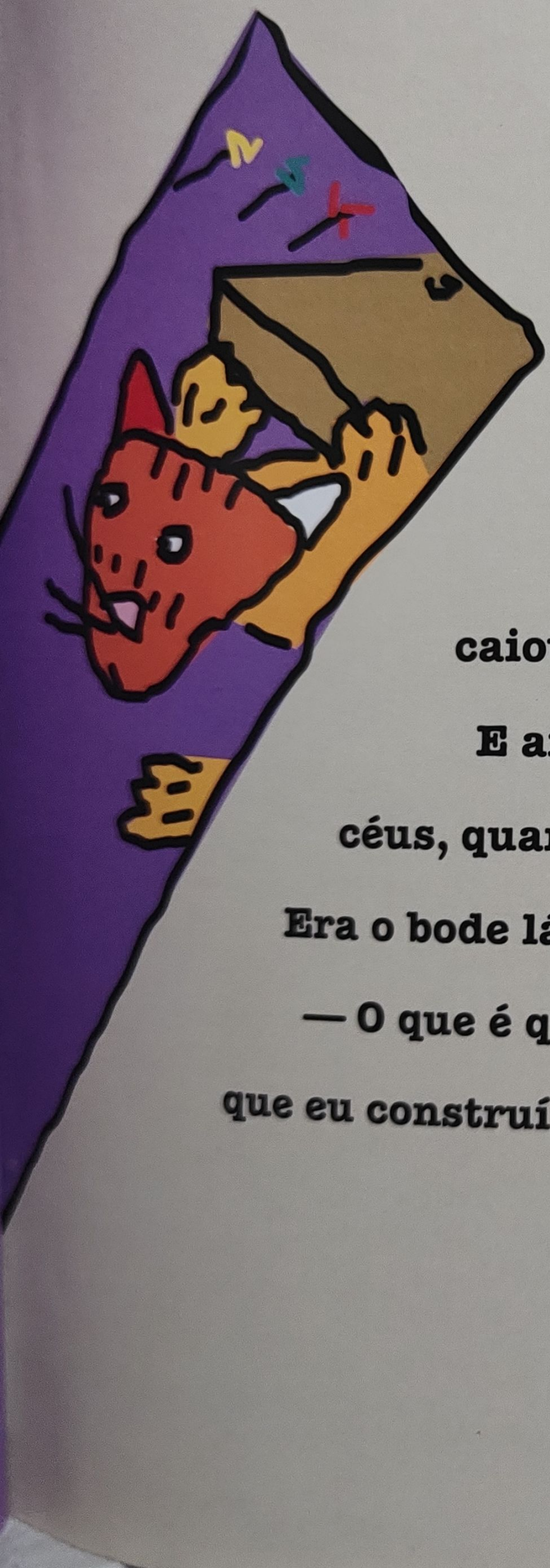
— Só tem uma explicação:

Deus me ama!

E começou a pintar a casa com cal.



Quando terminou, a noite já tinha chegado. Arrumou sua cama e dormiu ali mesmo. Faltava a porta, mas isso ele veria no dia seguinte.



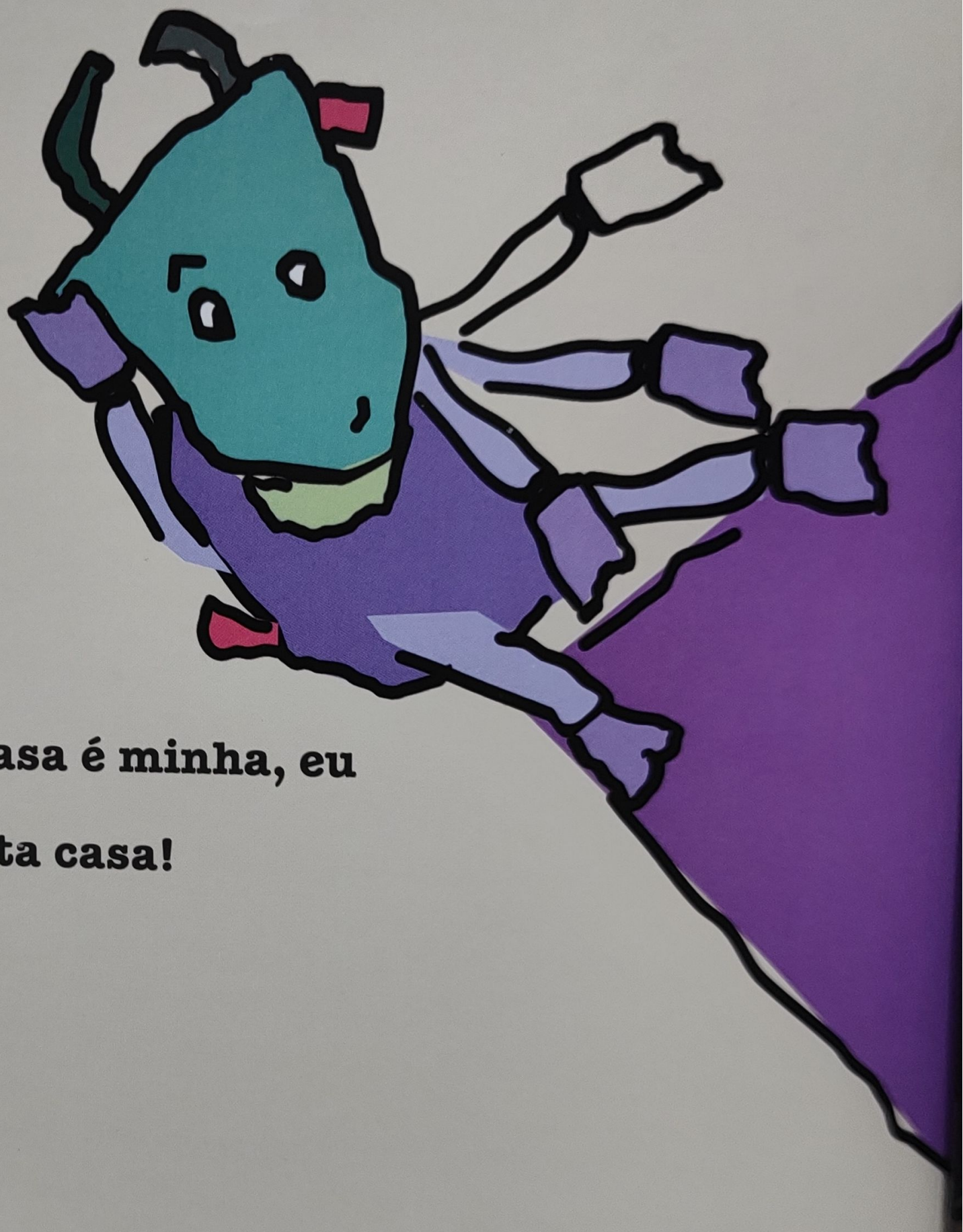
De madrugada apareceu a onça com a porta pronta para colocar no lugar.

— Até caiar minha casa Deus caiou. Assim a gente entusiasma!

E ainda estava agradecendo aos céus, quando escutou alguém roncar.

Era o bode lá dentro.

— O que é que você está fazendo na casa que eu construí? Na minha, na minha casa?



— Mas esta casa é minha, eu

é que construí esta casa!

— Minha! Eu, eu é que construí!

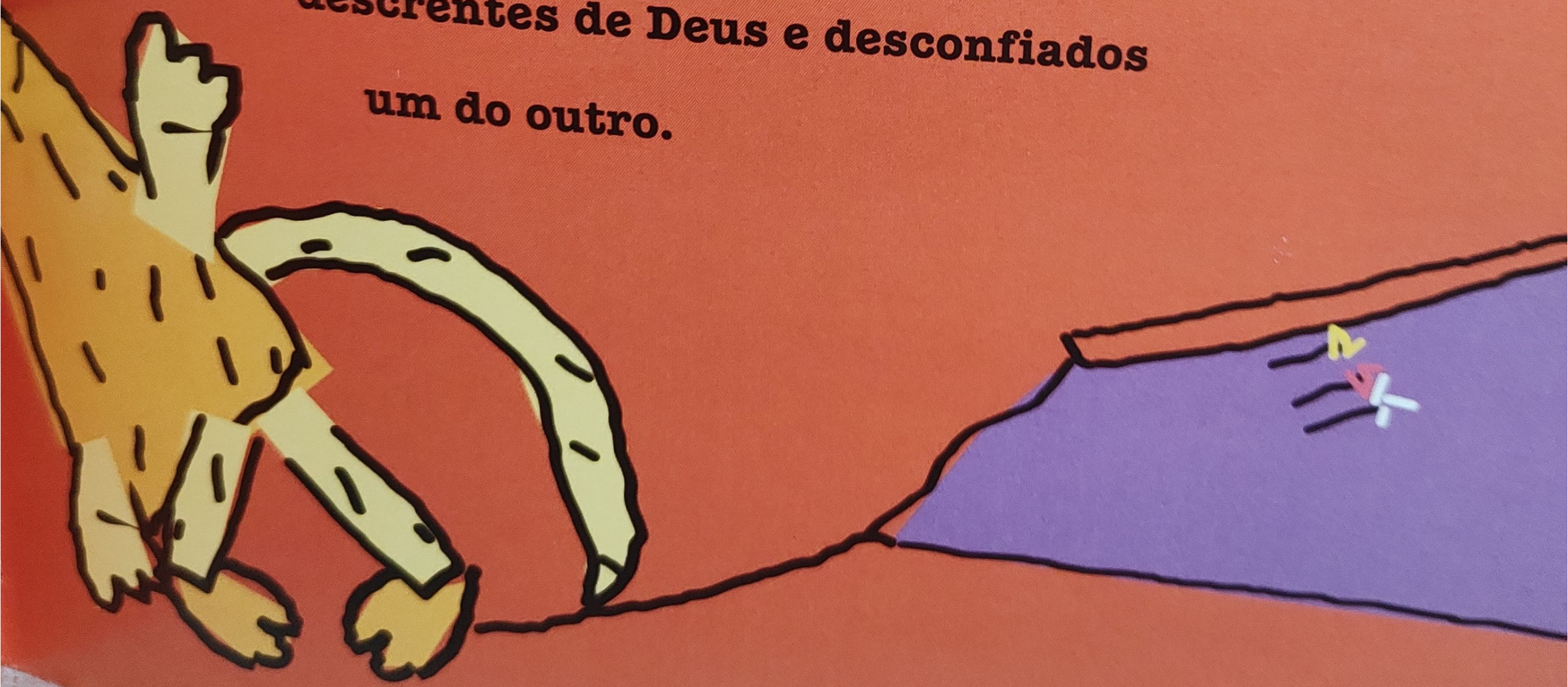
E nessa conversa ficaram até entenderem o que havia acontecido.

Bem, a casa era dos dois. Resolveram morar juntos. E para evitar problemas no futuro, cada um explicou para o outro as suas ziquiziras.

— Em geral, tenho ótimo temperamento. Mas tem dias... Vou avisando: se eu estiver com a testa franzida, é melhor sair de perto.

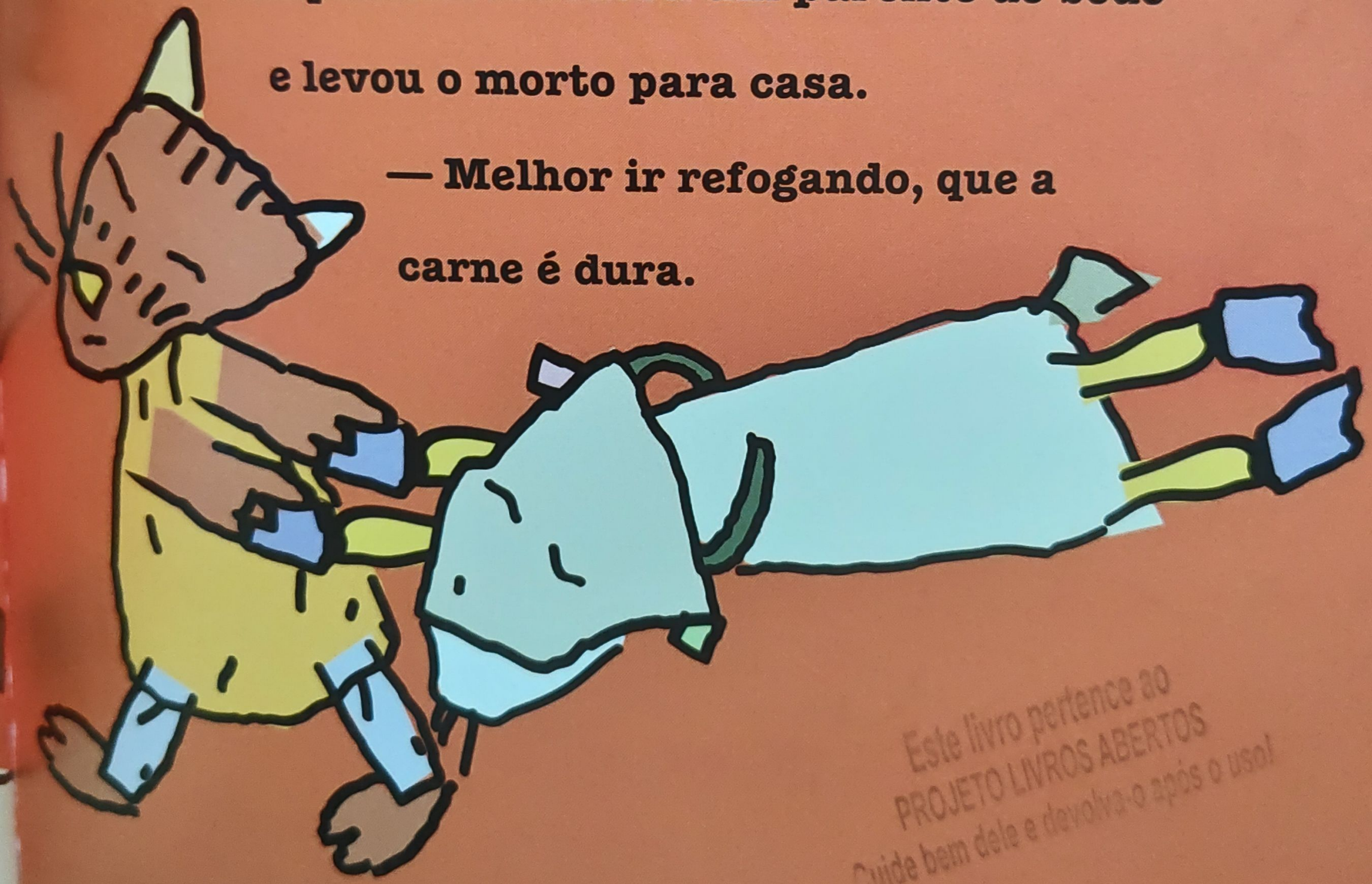
— Eu sou fácil de conviver. Mas também tenho os meus dias... Se eu estiver arrancando os pelos da barba, não brinque, é melhor ir para bem longe.

No fundo, no fundo, os dois estavam descrentes de Deus e desconfiados um do outro.

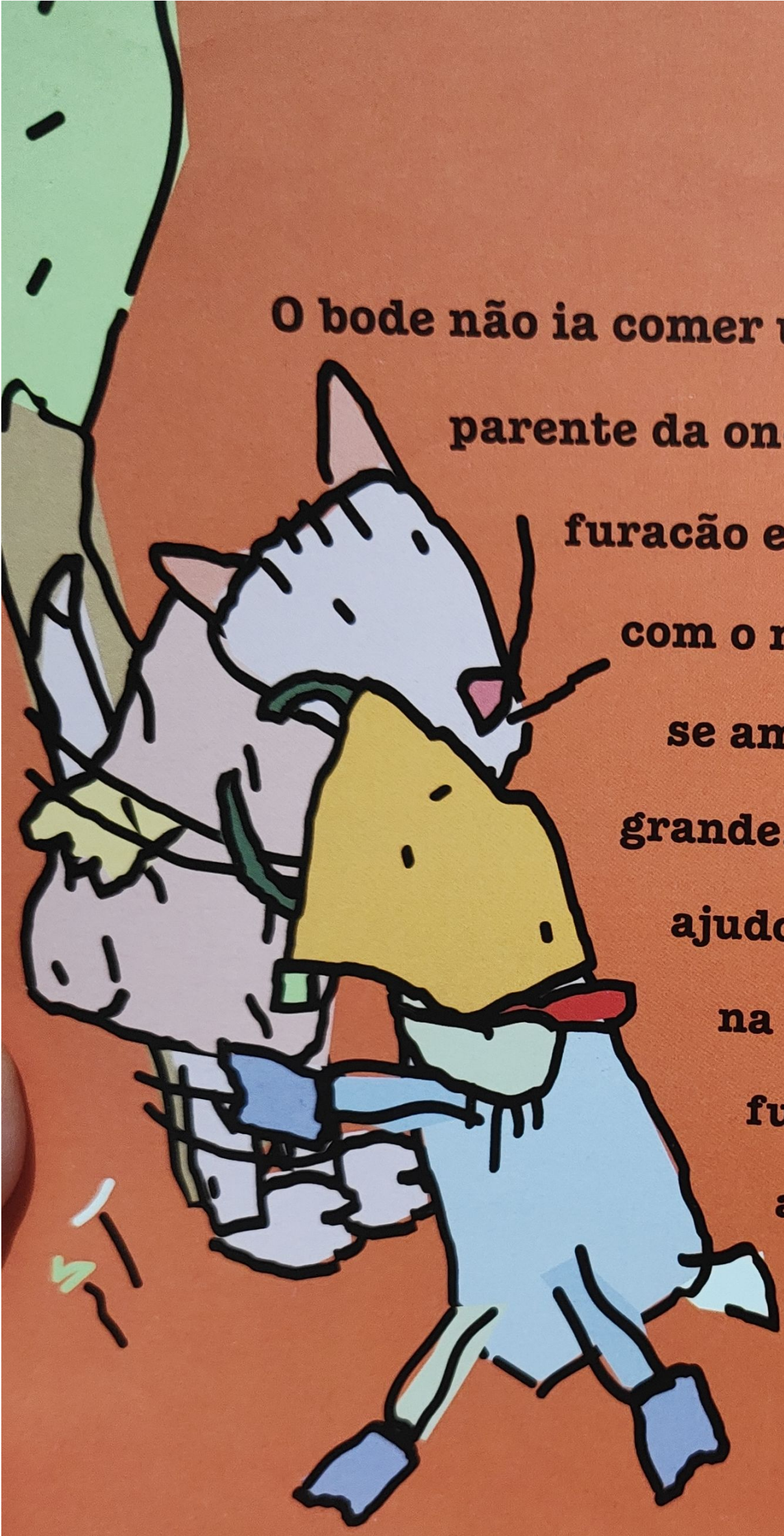


A onça então resolveu assustar o companheiro. Matou um parente do bode e levou o morto para casa.

— Melhor ir refogando, que a carne é dura.



Este livro pertence ao
PROJETO LIVROS ABERTOS
Cuide bem dele e devolva-o após o uso!



O bode não ia comer um tio. Foi atrás de uma parente da onça e inventou que um furacão estava vindo e ia acabar com o mundo. Para se salvar, só se amarrando numa árvore grande. E, todo prestativo, ajudou a pintada a se amarrar na árvore que ficava nos fundos da casa. Bem amarrada. Sem chance de escapulir.

Depois gritou à companheira:

— Vem buscar a caça fresquinha amarrada na árvore. Vamos fazer um picadinho para a janta.

A onça olhou pela janela, viu sua sobrinha amarrada e, de preocupação, franziu a testa.

Aí o bode viu a onça com a testa franzida e, de medo, começou a arrancar os pelos da barba.

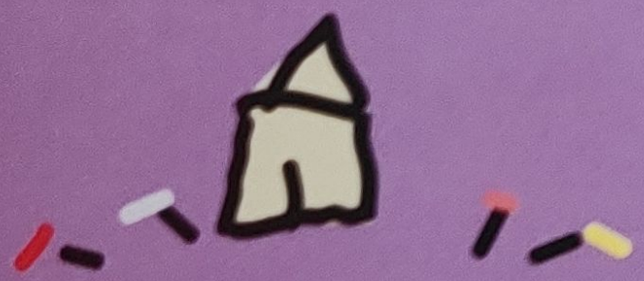
A onça viu o bode arrancando os pelos da barba e, de pavor, deu um salto.

O bode deu um pulo.

Um saiu correndo para um lado,

outro para o outro.

Corre, que corre, que corre



e ainda estão correndo.